



## **“Politicamente Correto”: Uma Análise da Abordagem Midiática do Termo<sup>1</sup>**

Luiza Ribeiro de Lima<sup>2</sup>  
Cristina Vieira Teixeira de Melo<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE.

### **RESUMO**

Esta pesquisa visa investigar os significados do termo “politicamente correto”, comparando seus primeiros usos à sua abordagem nos meios de comunicação. A partir da realização de pesquisas bibliográfica e documental, busca-se tomar conhecimento das significações a que o termo está sujeito em função de sua popularização na mídia. O *corpus* analisado é proveniente de portais de notícias *online*, pois as plataformas digitais constituem um meio muito utilizado para o debate acerca do fenômeno “politicamente correto”. Através deste estudo, anseia-se ampliar a compreensão acerca do termo, cuja pertinência não se limita ao uso político, tendo adquirido o estatuto de “fórmula” e circulado nos mais diversos tipos de discurso.

**PALAVRAS-CHAVE:** análise do discurso; fórmula; politicamente correto; portais de notícias.

### **1. Introdução**

Em um artigo intitulado “Aqui não tem PC”, publicado na Folha de S. Paulo em 1992, o professor Renato Janine Ribeiro desacreditava que a “doutrina do politicamente correto” conseguiria algum espaço nas universidades brasileiras, e afirmava que isto ocorreria justamente devido a ela defender grupos sociais minoritários. Segundo o autor, no Brasil os movimentos sociais eram fracos e não conquistavam simpatia por parte da opinião pública. Poucos anos depois, em 1998, um ensaio do sociólogo Luiz Eduardo Soares fomentava a discussão acadêmica sobre o tema, afirmando que o “politicamente correto” era pouco conhecido entre os brasileiros, mas que aqueles que tinham conhecimento do termo já o rejeitavam, independentemente da orientação política que adotassem. De forma distinta ao que acontecia nos Estados Unidos, país de onde o termo foi importado e traduzido, o autor apontava que não haviam debates no Brasil sobre o fenômeno devido à existência desse consenso que o repudiava.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de julho de 2015.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação, 5º. Semestre, do Curso de Jornalismo da UFPE, email: [luiza786@msn.com](mailto:luiza786@msn.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFPE, email: [cristinateixeiravm@gmail.com](mailto:cristinateixeiravm@gmail.com)



Apenas em 2005 o assunto ganhou proeminência na esfera pública, quando os veículos de comunicação puseram em circulação e polemizaram a cartilha “Politicamente Correto e Direitos Humanos”, lançada e imediatamente recolhida pelo Governo Federal em 2004<sup>4</sup>. A partir daí, o tema passou a ser abordado pela mídia com mais frequência, e em resposta aos críticos da corrente surgiram os seus defensores, possibilitando a formação de um contraponto para o debate. Desde então, cada vez mais pessoas se posicionam publicamente quanto ao assunto.

Hoje é visível o amplo uso que se faz do “politicamente correto” na mídia brasileira. Formadores de opinião empregam o termo e dividem-se entre defensores e críticos da corrente, e entre aqueles que a consideram uma censura à liberdade de expressão popularizou-se o discurso “politicamente incorreto”. Também são divulgados os frequentes casos de processos e denúncias contra propagandas “politicamente incorretas”, o que gera debate sobre o tema entre os leitores. Assim, considerado por muitos um termo vago e polissêmico desde sua origem, pode-se observar que a abordagem cada vez mais frequente do “PC” fez com que ele se popularizasse entre os falantes do português. Mas apesar de se referir a um processo em curso, a “um processo de redefinição de parâmetros éticos e de modelos de orientação micropolíticos” (SOARES, 1998), o seu significado varia de acordo com o contexto de uso, possibilitando interpretações contraditórias para o mesmo termo.

Sendo o “politicamente correto” um tema de intenso debate na mídia brasileira, mas ainda de definição vaga e relativa ao contexto em que é empregado, torna-se pertinente estudar as suas acepções e implicações a partir da circulação na comunicação midiática. Através das interpretações às quais o sintagma está sujeito e das comparações entre o significado midiático e o significado original, é possível estudar os processos de transformação dos significados das palavras, nos quais os meios de comunicação desempenham um importante papel na construção de sentidos.

Por fim, considerando que o “politicamente correto” refere-se a uma corrente, a um fenômeno político, é possível tornar a pesquisa um estudo sobre a sociedade brasileira e suas mudanças se tomarmos como referência Mikhail Bakhtin, defensor de que a língua é uma expressão das relações e lutas sociais, que veicula e sofre o efeito desta luta, servindo tanto de instrumento quanto de material (2006).

---

<sup>4</sup> Editada pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos, ligada diretamente à Presidência da República, a cartilha apresentava 96 verbetes que possuiriam carga preconceituosa contra pessoas ou grupos sociais. Quando divulgada, foi extensamente debatida na mídia e considerada controversa, o que motivou o presidente Lula a retirá-la de circulação.



As questões que esta pesquisa busca responder são: quais as origens do termo “politicamente correto”? Quais as suas acepções mais comuns atualmente? De que forma a mídia aborda o termo?

Visando o objetivo geral de análise, foram investigados os primeiros usos e sentidos do sintagma no contexto brasileiro, e depois identificados os sentidos mais comumente atribuídos ao termo na atualidade, tendo como parâmetro o uso em portais de notícias *online*. Os dados acerca do “politicamente correto” foram levantados e analisados a partir de dois tipos de pesquisa: bibliográfica e documental. A primeira etapa consistiu na pesquisa bibliográfica, em ensaios e artigos circulantes no meio acadêmico, sobre os significados atribuídos à expressão “politicamente correto” e seus primeiros usos. Na segunda etapa foi feita uma pesquisa documental com a coleta de matérias que utilizam o termo em três portais de notícias *online*, sendo eles Uol, Globo e Estadão, escolhidos devido ao grande público que alcançam.

Para a classificação do *corpus* foram considerados três conceitos amplamente utilizados nos estudos de jornalismo: a noção de instantaneidade e os elementos formato e estrutura. Em substituição à dicotomia “informação x opinião”, também muito abordada nesses estudos, as matérias coletadas foram divididas em duas categorias: relatos e comentários. A diferença entre as duas é que, enquanto o gênero relato possui um esquema narrativo, o gênero comentário está associado a um esquema argumentativo. É necessário ressaltar, quanto aos formatos, que as composições discursivas jornalísticas apresentam cada vez mais variações em decorrência do surgimento de novos formatos em novas plataformas. Como a análise se atém justamente a matérias publicadas no meio digital, os formatos utilizados para categorização foram: notícia, reportagem, postagem de blog, artigo de opinião, coluna crítica, coluna de humor e resenha crítica.

A noção de instantaneidade refere-se à relação temporal entre ocorrência e publicação. As matérias analisadas constituem *soft news*, definidas por Gaye Tuchman como notícias consideradas de menor relevância social, em que o jornalista possui maior liberdade de escrita e a possibilidade de apresentar no texto suas observações subjetivas. No presente trabalho, estas observações subjetivas foram analisadas em uma tentativa de estabelecer um sentido – ou melhor, aproximação de sentido – a partir do uso delas em cada enunciado. Para tal, os textos foram colocados em contraponto, o que implica no princípio da interdiscursividade, fundamental para a análise do discurso.



Duas hipóteses possíveis para a conclusão do projeto foram formuladas: a) a que reconhece haver um relativo consenso quanto ao significado do “politicamente correto”, e portanto a existência de um significado predominante referente a quando começou a ser debatido no Brasil, nos anos 90; b) a de que a popularização do termo fez com que ele passasse a ser utilizado nos mais diversos contextos, permitindo distintos processos de significação.

## **2. Fundamentação teórica**

Em relação à análise do discurso, a fundamentação teórica se apoia na memória discursiva para citar textos e pesquisas que abordam o “politicamente correto” (ou “PC”), avaliando-o historicamente. Com base em artigos e ensaios, a abordagem de seus conceitos ajudará a definir melhor o “politicamente correto” discutido no meio acadêmico brasileiro desde os anos 90. Tomar este significado como ponto de partida servirá para analisar as notícias e, assim, compreender de que forma o uso do termo no jornalismo se distancia do encontrado nestes estudos. Ou seja: para compreender os significados que a expressão adquiriu após sua popularização, o referencial será o sentido debatido no meio acadêmico.

Cabe ressaltar que, enquanto os artigos e ensaios consultados se debruçam especificamente sobre os termos considerados politicamente corretos ou incorretos, a presente pesquisa limita-se à expressão “politicamente correto” e suas variações de significados em diferentes contextos. Ainda assim, esta fundamentação teórica vai no sentido de reconhecer o quanto a análise do discurso, em especial do discurso midiático de grande circulação, é importante para a compreensão dos fenômenos sociais.

Para Nara Lya Simões Cabral (2013), o “politicamente correto” é uma tendência aplicada a vários campos, estabelecendo formas de expressão ou conduta com o propósito de combater atitudes discriminatórias, sobretudo no que diz respeito a minorias. Semelhante a esta definição, mas menos abrangente, Amadeu de Oliveira Weinmann (2014) conclui, após um levantamento bibliográfico, que o “PC” constitui um conjunto de intervenções políticas cujo alvo são manifestações linguísticas que promovem a discriminação de grupos minoritários.

Entretanto, Weinmann também cita L.C. Borges e sua interpretação do PC como uma concepção linguística ingênua, que enxerga a linguagem como reflexo das relações sociais e crê que modificá-la implica modificar a sociedade diretamente. Ao contrário dele, Sírio Possenti interpreta o PC de forma bakhtiniana: a língua refrata a sociedade e



as palavras lutam pelo seu significado, como nas lutas de classe. Esta visão construtivista vale para a língua como um todo, e para o próprio termo “politicamente correto” não seria diferente, pois também se verifica um jogo de forças, uma disputa pela sua significação. Como o autor afirma, “nada melhor para verificar uma concepção de discurso como uma prática social e histórica do que ver e viver disputas de sentidos, materializadas na luta pelo emprego de certas palavras e na luta para evitar o emprego de outras” (POSSENTI, 1995, p.129).

Ideologia e multiculturalismo também são conceitos pertinentes ao tema. Para Weinmann, multiculturalismo é um dos fundamentos teóricos do PC. Para Renato Janine Ribeiro, o fenômeno anglo-saxão deve muito ao que Marx teorizou, como escreveu para a Folha de S. Paulo em 1992:

Por que, então, será difícil para o ‘politicamente correto’ chegar aqui? Primeiro, porque o PC — embora não seja de esquerda — tem uma dívida inegável com o pensamento de Marx. Pois foi Marx quem, com a crítica à ideologia, forjou algumas das ferramentas que melhor permitem decifrar o que um discurso transmite sub-repticiamente. Assim, é inevitável que uma crítica da fala preconceituosa deva algo à crítica marxista da ideologia. E assim, pelo menos em nosso país, há o risco de que o PC pague pela queda do comunismo. (RIBEIRO, 1992)

Isto significa que o conceito marxista de ideologia, definido como instrumento de reprodução dos valores da classe dominante, possibilitou mais tarde o desenvolvimento da crítica aos discursos hegemônicos que perpetuam preconceitos. O politicamente correto intervém para que, ao combater a fala preconceituosa, uma linguagem idealmente neutra tome lugar. Já o multiculturalismo consiste em um amplo movimento social, defensor da pluralidade e da coexistência pacífica de múltiplas culturas, que permita a combinação de seus elementos em prol de uma nova expressão cultural, que integre a todos. Este também é um conceito caro ao PC, que luta contra representações discriminatórias e a favor de uma linguagem mais democrática.

A importância de analisar o discurso midiático, neste caso o que circula em portais de notícias sobre o “politicamente correto”, é justificada pelo conceito “discurso circulante” de Patrick Charaudeau. Investigar os significados atribuídos ao termo é também indagar quanto aos discursos circulantes na sociedade, definidos como “uma soma empírica de enunciados com visada definicional sobre o que são os seres, as ações, os acontecimentos, suas características, seus comportamentos e os julgamentos a eles ligados” (CHARAUDEAU, 2010. p. 118).

É justamente dos usos a que Possenti se refere, em uma observação que precede suas análises do campo midiático, que a presente pesquisa se trata:



A expressão ‘politicamente correto’ (ou incorreto) aplica-se hoje não apenas à linguagem, embora esta seja a candidata mais constante àquela qualificação, mas a variados campos. Por exemplo, em um recente dia dos namorados, um jornal afirma que “casais entram na era do politicamente correto, são fiéis, trocam anéis e fazem sexo responsável”. (POSSENTI, 1995. p. 124)

Além das questões relativas a heterogeneidade da linguagem, interdiscursividade e diversas posições do sujeito, um conceito essencial para o desenvolvimento deste trabalho é a noção de “fórmula” na análise do discurso. Tal noção diz respeito a uma sequência discursiva com caráter de referente social, de modo que os indivíduos são obrigados a se situar em relação a ela e fazê-la circular de uma maneira ou de outra, lutando para impor a sua própria interpretação. De acordo com Alice Krieg-Planque, a fórmula “se assenta numa materialidade linguística relativamente estável, ela tem um caráter discursivo e constitui um referente social. Ela também é polêmica: eis a quarta de suas propriedades constitutivas” (KRIEG-PLANQUE, 2010. pg. 99).

Para a autora, outro definidor do conceito é o fato de as mídias atuarem como os principais agentes de circulação da sequência discursiva. O sintagma “politicamente correto” obedece às quatro condições e tem a mídia como principal difusora no espaço público, podendo, deste modo, ser considerado uma fórmula. Quando traduzido do inglês nos anos 90, o termo era debatido por um público muito restrito, aparecendo pela primeira vez na imprensa através do artigo de Renato Janine Ribeiro, publicado na Folha de S. Paulo em 1992. Foi em 2005, com o advento da cartilha “Politicamente Correto e Direitos Humanos” e a polêmica levantada por ela, que o referente ganhou notoriedade midiática por conta da sua publicização, tornando-se objeto de debate público. Pode-se dizer que ele ainda passa por uma fase polêmica se considerarmos que seu uso continua frequente e verificável nos mais diversos tipos de discurso, e não mais limitado ao público acadêmico.

Reiterando: a fórmula é um signo social que evoca alguma coisa para todos em um dado momento, e é conhecida na medida em que designa alguma coisa. Ou, dito de outro modo: ela é um denominador comum que provoca polêmica porque seu significante é reconhecido em um território partilhado, entretanto suas significações são múltiplas e por vezes contraditórias.

### **3. Análise**

Foram coletadas, durante o mês de setembro de 2014, 30 matérias nos portais de notícias Uol, Globo.com e Estadão. A pesquisa do uso do termo “politicamente correto”



abrangeu tanto os portais quanto as páginas vinculadas a eles, tais como blogs e páginas de colonistas.

No total, das 30 matérias clipadas, 8 eram provenientes do portal Estadão, 10 do Globo.com, e 12 do Uol. Quanto aos usos do “politicamente correto”, 15 matérias se referiram ao fenômeno politicamente correto, enquanto que nas outras 15 o sentido do termo não correspondeu às definições de um conjunto de intervenções políticas ou de uma doutrina que interfere, pela linguagem, em prol de grupos sociais minoritários.

A análise foi realizada nas 15 matérias em que o uso do termo não corresponde ao sentido debatido no meio acadêmico. Estes textos classificaram-se como notícias, reportagens, postagens de *blog*, artigos de opinião, coluna crítica, coluna de humor ou resenha crítica. Em uma categorização mais abrangente, eles foram divididos entre relatos e comentários de acordo com a predominância de uma estrutura narrativa ou argumentativa. As notícias, reportagens e postagem de *blog* constituem relatos, enquanto que os artigos de opinião, colunas e resenha são comentários.

Foram coletadas três notícias, seis reportagens e uma postagem de *blog*, que somaram dez relatos, e dois artigos de opinião, uma coluna crítica, uma coluna de humor e uma resenha crítica, que somaram cinco comentários. Todas as notícias podem ser vistas como *soft news*, pois abordam temas cuja publicação não é urgente e possibilitam ao autor maior liberdade de escrita.

Das três notícias coletadas, duas não são assinadas. Ambas reproduzem informações provenientes de outros meios, sendo uma sobre a nomeação de Leonardo DiCaprio como mensageiro da paz da ONU, provavelmente adaptada de uma agência de notícias, e outra promovendo livros sobre Juscelino Kubitschek, que contém uma nota ao final informando ter sido escrita com base em informações fornecidas pelas editoras das obras. A única notícia assinada é sobre educação, tratando-se da demissão de um professor que passou para seus alunos uma comparação entre o exército israelense e o nazista, e listava opiniões de outros professores e pais de alunos sobre o caso. Todas as outras doze matérias são assinadas.

Washington Olivetto, um renomado publicitário brasileiro, está em três matérias, uma de cada portal, e em todas cita o “politicamente correto”. Duas das matérias são entrevistas, e outra é a cobertura de um evento sobre publicidade. Em apenas uma delas, no caso a reportagem baseada na entrevista concedida à *Época Negócios*, da Globo.com, o uso da fórmula dá margem a interpretações que não dizem respeito ao



fenômeno “PC”. Outras matérias sobre publicidade foram encontradas no *blog* Propmark, do portal Uol, mas nelas o uso da expressão se referiu ao fenômeno.

Das seis reportagens coletadas, quatro abordavam o tema negócios ou economia, incluindo a entrevista de Olivetto. Duas tratavam-se de empreendedorismo, sendo uma sobre a rede social Ello, que se popularizou por não possuir anúncios, e outra sobre a existência de um mercado interessado em soluções ecológicas. Foi encontrada também uma reportagem traduzida, adaptada da Bloomberg, sobre o mercado de iates de luxo. Das duas reportagens que não se tratavam de negócios, uma era sobre entretenimento, divulgando peças de uma companhia de teatro chilena, e outra era uma reportagem especial de turismo na Califórnia. Esta possuía um posicionamento claro do autor em primeira pessoa, utilizando pronomes pessoais e explicitando suas observações subjetivas.

A postagem de *blog*, encontrada no portal do Estadão, também possuía observações pessoais, pois informalidade e autoria são características de textos para *blogs*. O assunto da postagem era a “festa dos cidadãos” no palácio presidencial da Alemanha, e o relato do evento abordava tanto questões políticas quanto turísticas.

Os dois artigos de opinião coletados foram traduzidos de outras fontes. Um deles, “Delegados da deflação”, foi encontrado em duas páginas do portal da Globo: Jornal EXTRA e Jornal O Globo. O outro artigo, “Por que Israel?”, foi publicado na seção Internacional do portal Estadão. O primeiro foi escrito por um colunista do New York Times e comenta sobre economia, enquanto o segundo foi escrito por um ex-chanceler de Israel e trata de política e relações internacionais.

As colunas consistem em um formato que permite aos autores se posicionarem explicitamente e de forma mais pessoal, o que ocorre nos dois textos do gênero encontrados no portal Uol, mais especificamente na Folha de S. Paulo. Uma delas possuía caráter humorístico, abordando questões de comportamento como tema, e a outra era crítica, sobre política. A diferença entre a subjetividade das colunas e a dos artigos de opinião é que os articulistas são especialistas escrevendo sobre assuntos de interesse da opinião pública, ou seja, de maior relevância social, enquanto os colunistas escrevem periodicamente sobre o que lhes convir, em uma seção reservada para eles.

Por último, foi encontrada uma resenha no site Omelete, da Uol. Esse gênero textual é caracterizado por também expressar claramente a opinião do autor, porém sobre uma obra, e nesse caso o filme resenhado foi “Whiplash: Em busca da perfeição”.





Antes de analisar o *corpus* partindo dos sentidos aproximados dados à fórmula em cada caso, algumas observações sobre as matérias em que o “politicamente correto” foi referenciado no sentido de fenômeno merecem atenção. Em uma avaliação grosseira das conotações do termo, classificando-as apenas como “positiva” ou “negativa” em cada uma das matérias, dois terços do total de 15 textos referiu-se ao fenômeno PC negativamente. Das cinco matérias restantes, duas eram claramente positivas e três eram consideravelmente neutras.

Quatro matérias que usaram o PC como fenômeno tinham publicidade como tema e já foram citadas e comentadas anteriormente. Das onze restantes, cinco eram artigos de opinião ou colunas que se posicionavam contrariamente ao fenômeno, e duas delas abordavam temas diferentes mas eram do mesmo autor, Carlos Alberto Di Franco. Uma das colunas, de João Pereira Coutinho, ligava o fenômeno ao multiculturalismo. Três matérias falavam da polêmica envolvendo a torcedora do Grêmio que ofendeu o goleiro Aranha, do Santos, com um grito racista, mas apenas uma delas, a coluna de Xico Sá na Folha de S. Paulo, opinava sobre o assunto. Outras três matérias tratavam da controversa série da Globo, “Sexo e as nega”, e os enunciados em que o termo foi encontrado criticavam o fenômeno para defendê-la.

Voltando às quinze matérias em que a fórmula “politicamente correto” não correspondeu ao fenômeno, a classificação da conotação delas entre “negativa” e “positiva” mostrou que, nesses casos, o sintagma é considerado algo bom com maior frequência: seis delas usaram o termo positivamente, o que corresponde a 40%, enquanto que nas outras nove a fórmula possuiu conotação negativa.

Para a classificação dos usos da fórmula nesses quinze casos, oito aproximações de sentido foram elaboradas. Cabe ressaltar que, se uma das definições da fórmula corresponde à de um significante comum e em circulação, cujo significado está em constante redefinição pelo próprio fato de sua circulação, não é possível defini-las e agregá-las tão facilmente. Estas fórmulas circulantes não possuem o mesmo valor, assim como as formações discursivas devem ser pensadas como abertas, permeáveis e heterogêneas. Portanto, os conjuntos de palavras-chave e ideias listados abaixo foram agrupados, de forma vaga, em relação às matérias no intuito de estabelecer possibilidades de sentidos para a fórmula “politicamente correto”. As interpretações do sintagma são inegavelmente subjetivas e dependem da formação discursiva de quem analisa essas matérias, mas talvez por isso mesmo listar seus sentidos aproximados



possa ajudar na compreensão desta fórmula como um referente social da sociedade brasileira, onde ela circula frequentemente e é objeto de polêmicas.

Na notícia sobre educação, o sentido equivale a “cerceamento”, “impedimento de pensar”. Na coluna crítica e na resenha crítica, a significação está ligada à “superproteção”, “algo excessivamente tolerante”, “bondade”, “tapinha nas costas”. Já na coluna humorística, na reportagem sobre a companhia teatral chilena e no artigo traduzido sobre economia, o significado é mais ou menos “senso comum”, “que corresponde às expectativas e convenções sociais”, “uma resposta fácil aos problemas”. No blog de Fátima Lacerda, no portal Estadão, o sentido do termo está ligado às noções de “cordialidade”, “civildade”, “dever” e “conciliação”. O uso da fórmula é verificado em uma relação de oposição na reportagem traduzida, que afirma que antes não era considerado politicamente correto adquirir iates de luxo; subentendendo-se aqui que luxo equivaleria ao “politicamente incorreto” e é um valor relacionado ao acúmulo de dinheiro, a ostentação ou a ganância, por sua vez o sintagma “PC” pode ser definido como “moralmente aceitável”. Nas notícias sobre a nomeação de Leonardo DiCaprio pela ONU, sobre o lançamento do livro de Juscelino Kubitschek, e nas reportagens sobre o turismo na Califórnia e sobre um mercado interessado em soluções ecológicas, a fórmula é empregada no sentido de “engajado”, “ativista”, “com preocupação ecológica e política”, “com responsabilidade social”. Na reportagem sobre a rede social que não possui anúncios, o sentido do termo aproxima-se de “algo puro”, “discreto”, “sem excesso de informação”, “menos abusivo”, “não invasivo”. E, por fim, na entrevista feita com Washington Olivetto, o significado é mais ou menos “algo não original”, “ingênuo” e/ou “não comercial”.

#### **4. Considerações finais**

As hipóteses desenvolvidas inicialmente, antes pensadas como não coexistentes, mostraram-se compatíveis quando foi aplicada a noção de fórmula ao “politicamente correto”. Assim, em uma análise contemporânea aos discursos analisados, observa-se que apesar da predominância do significado relativo ao fenômeno, constatado na metade dos casos estudados, outros significados também se popularizaram. Tal polissemia facilita a circulação do sintagma, uma vez que ele passa a ser utilizado em diferentes enunciados de acordo com o sentido pretendido. O próprio fato do “politicamente correto” constituir um sintagma composto por duas palavras soma-se a isso, de modo a ampliar suas possibilidades de circulação e de gerar polêmica.



As condições da circulação de troca de fórmulas são definidas a partir da pluralidade heterogênea de condições de produção. O presente trabalho buscou, por meio das pesquisas em artigos e ensaios acadêmicos acerca do fenômeno, abordar as condições de produção e verificar, na coleta de matérias e na observação dos usos do sintagma, as condições de circulação. A constatação dos diversos usos das fórmulas circulantes, de valores variáveis, é uma das condições de circulação que eliminam a possibilidade de homogeneidade da linguagem. Considerando então a linguagem como heterogênea, os discursos não são fechados sobre si mesmos, tendo o dialogismo como fato constitutivo da fala humana.

O “politicamente correto” inserido no debate público funciona como significante partilhado, um lugar-comum sobre o qual os locutores tomam posição. Apesar de traduzido diretamente do inglês “*politically correct*”, e em muitos casos o seu uso no português brasileiro assemelhar-se ao uso original do inglês estadunidense, é necessário estabelecer particularidades. Tendo a língua como “condição de possibilidade” do discurso e um modo singular de produzir equívoco, ambiguidade e polissemia (KRIEG-PLANQUE, 2010. pg. 75), o uso do “PC” na mídia brasileira, que põe o termo em circulação entre os falantes do português brasileiro, pode refletir em certa medida a própria sociedade brasileira.

Frequentemente atrelado ao “senso comum”, o significado da fórmula nestes casos se distancia do sentido discutido no meio acadêmico, que define o “politicamente correto” não como uma maneira de entrar em conformidade com as convenções sociais, mas sim de modificar a própria realidade através da linguagem – por mais que tal iniciativa seja criticada por sua “ingenuidade”. Em outros casos, ligar o termo à noção de “bondade” ou “superproteção”, com conotação negativa, permite especular que esses usos devem-se a uma descrença nas intervenções progressistas e de esquerda, entre as quais pode ser incluída a proposta do PC. Devido à composição da fórmula, cujo segundo termo é “correto”, é comum verificar o quanto ela é interpretada como um adjetivo que equivale a conservador ou “menos ousado”, o que se estende por matérias de várias áreas, desde economia até publicidade.

Por último, os usos de conotação mais positiva, ligados à noção de cordialidade, engajamento político ou responsabilidade socioambiental, foram curiosamente percebidos em maior quantidade nas matérias sobre viagens ou eventos em outros países, e em matérias sobre inovação e empreendedorismo. Nos últimos casos o “politicamente correto” é mencionado porque, supostamente, supre uma demanda do



mercado e, de forma similar ao discurso “politicamente incorreto” que crê ser contra-hegemônico, o termo parece se referir a uma doutrina amplamente conhecida e praticada. Mas quando o emprego da expressão serve para elogiar a civilidade de outros povos, é interpretável que as teorias defendidas por Luiz Eduardo Soares e Renato Janine Ribeiro ainda reflitam a sociedade brasileira, e talvez tenham se fortalecido devido à função política da fórmula como referente social: o “politicamente correto”, distante da prática no Brasil por conta do repúdio que encontra entre os falantes do português, é ao mesmo tempo admirado a depender do contexto, seja ele linguístico ou local. Deste modo, a confusão quanto ao uso do termo, observável nos portais de notícias *online*, pode contribuir para a má interpretação de movimentos sociais e de pautas progressistas. Coincidentemente ou não, ambos ainda estão diretamente ligados ao PC cujo significado corresponde ao fenômeno linguístico que visa combater as atitudes discriminatórias dirigidas a minorias.

## REFERÊNCIAS

AGUILHAR, L. **Rede social Ello desafia Facebook**, Estadão, 30 set. 2014. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/link/rede-social-ello-desafia-facebook/>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

ANTUNES, E. **Enquadramento: considerações em torno de perspectivas temporais para a notícia**. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 18, dez. 2009. p.85-99.

BAKHTIN, M. M.; DUVAKIN, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006. Disponível em: <[http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/MARXISMO\\_E\\_FILOSOFIA\\_DA\\_LINGUAGEM.pdf](http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/MARXISMO_E_FILOSOFIA_DA_LINGUAGEM.pdf)>. Acesso em: 4 jun. 2014.

BARBOSA, M. **Onda politicamente correta matou a liberdade criativa, diz Olivetto**, Folha de S. Paulo, 17 set. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2014/09/1517161-onda-politicamente-correta-matou-a-liberdade-criativa-diz-olivetto.shtml>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

BEN-AMI, S. **Por que Israel?**, Estadão, 5 set. 2014. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,por-que-israel-imp-,1555138#s>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

BIGARELLI, B. **"A simplicidade tem sido o grande diferencial das empresas", diz Washington Olivetto**, Época Negócios, 18 set. 2014. Disponível em: <<http://epocanegocios.globo.com/Informacao/Visao/noticia/2014/09/simplicidade-tem-sido-o-grande-diferencial-das-empresas-diz-washington-olivetto.html>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

BORGIO, E. **Whiplash, Em Busca da Perfeição**, Omelete, Uol, 4 set. 2014. Disponível em: <<http://omelete.uol.com.br/festival-de-toronto/cinema/whiplash-em-busca-da-perfeicao-critica/>>. Acesso em: 14 jan. 2015.



CABRAL, N. L. S. C. **Discurso, interdição e liberdade de expressão: o politicamente correto e suas articulações com a comunicação social.** In: 9º Interprogramas de Mestrado da Faculdade Cásper Líbero, 2013, São Paulo. Anais completos do 9º Interprogramas de Mestrado da Faculdade Cásper Líbero. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2013. p. 1-12.

CERVI, E. U.; FAMA, Camila Montagner; CAMARGO, Isadora Ortiz. **Temas de debate público e primeiras páginas dos jornais diários brasileiros.** *Comunicação&política*, v.27, nº3, p.43-72.

CASTRO, Daniel. **Acusada de racismo, Sexo e as Negas é vítima de preconceito**, Notícias da TV, Uol. 28 set. 2014. Disponível em: <<http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/opiniao/acusada-de-racismo-sexo-e-as-negas-e-vitima-de-preconceito-4995>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

CASTRO, Y. **Professores saem em apoio a colega demitido após questão envolvendo judeus**, Extra. 12 set. 2014. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/educacao/vida-de-calouro/professores-saem-em-apoio-colega-demitido-apos-questao-envolvendo-judeus-13915732.html>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias.** São Paulo: Contexto, 2010. p. 104-125.

CONSTANTINO, R. **As minorias raivosas**, O Globo. 16 set. 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/opiniao/as-minorias-raivosas-13945156>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

COUTINHO, J. P. **Melhor pedófilo que racista**, Folha de S. Paulo — Ilustrada. 9 set. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/184669-melhor-pedofilo-que-racista.shtml>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

DI FRANCO, C. A. **Apagão da autoridade**, Estadão. 29 set. 2014. Disponível em: <<http://opiniao.estadao.com.br/noticias/geral,apagao-da-autoridade-imp-,1567775>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

DI FRANCO, C. A. **Jornal determina a agenda pública**, Estadão. 1 set. 2014. Disponível em: <<http://opiniao.estadao.com.br/noticias/geral,jornal-determina-a-agenda-publica,1552875>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

EGO. **De barba e 'rabinho de cavalo', Leonardo DiCaprio recebe título**, O Globo. 21 set. 2014. Disponível em: <<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2014/09/de-barba-e-rabinho-de-cavalo-leonardo-dicaprio-recebe-titulo.html>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

FERNANDO, J. **'Sexo e as Negas' terá cenas quentes moderadas**, Estadão. 8 set. 2014. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/televisao,sexo-e-as-negas-tera-cenas-quentes-moderadas,1556861>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

FIGUEIREDO, F. C. **Criativos pedem publicidade por uma causa e mais “maldade”**, BLOG Propmark, Uol. 21 set. 2014. Disponível em: <<http://propmark.uol.com.br/agencias/49820:criativos-pedem-publicidade-por-uma-causa-e-mais-maldade>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

G1. **Patrícia Moreira registra queixa contra página 'racista' em rede social**, O Globo. 24 set. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/09/patricia-moreira-registra-queixa-contra-pagina-racista-em-rede-social.html>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

JORGE, M. P. **O dia que viramos senhora**, Folha de S. Paulo. 25 set. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/marilizpereirajorge/2014/09/1522213-o-dia-que-viramos-senhora.shtml>>. Acesso em: 14 jan. 2015.



KRIEG-PLANQUE, A. **A noção de “fórmula” em análise do discurso: quadro teórico e metodológico.** Tradução de Luciana S. Salgado e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. (Série Lingua[gem] 39).

KRUGMAN, P. **Os delegados da deflação**, O Globo. 5 set. 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/os-delegados-da-deflacao-13847469>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

KRUGMAN, P. **Os delegados da deflação**, EXTRA. 5 set. 2014. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/economia/os-delegados-da-deflacao-13847508.html>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

KOIFMAN, H. **De repente, Califórnia: um roteiro de conversível pela orla de Los Angeles**, O Globo. 26 set. 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/estilo/boa-viagem/de-repente-california-um-roteiro-de-conversivel-pela-orla-de-los-angeles-14058755>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

KURTZ, J.V.; KLEIN, O.J. Gêneros Jornalísticos na Internet: Uma Proposta para Blogs. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 10., 2009, Blumenau. **Anais do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, São Paulo: Intercom, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-1307-1.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2015.

LACERDA, F. **“Festa dos Cidadãos” no palácio presidencial – Um brinde à cidadania**, Estadão. 6 set. 2014. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/fatimalacerda/festados-cidadaosnopalaciopresidencialpara-celebaracidadania/>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

LIVRARIA DA FOLHA. **JK achava que floresta era um obstáculo ao progresso**, Folha de S. Paulo. 12 set. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/2014/09/1514522-jk-achava-que-floresta-era-obstaculo-ao-progresso.shtml>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

NOVAES, V. **APP discute humor na publicidade**, Blog Propmark. 18 set. 2014. Disponível em: <<http://propmark.uol.com.br/mercado/49783:app-discute-humor-na-publicidade>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

NETTO, A.D. **Limite inferior**, Folha de S. Paulo. 17 set. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/antoniodelfim/2014/09/1517127-limite-inferior.shtml>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

OLIVEIRA, E. **Um novo mercado voltado para quem é ambientalmente correto**, O Globo. 14 set. 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/negocios/um-novo-mercado-voltado-para-quem-ambientalmente-correto-13931428>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

OLIVEIRA, M.H. **Gremista quer tirar página de apoio do ar**, Band.com, Uol. 27 set. 2014. Disponível em: <<http://esporte.band.uol.com.br/futebol/times/gremio/noticia/?id=100000710288&t=>>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

PATEL, T. **Vendedores de iates de luxo dão desconto em Mônaco**, Uol Economia. 30 set. 2014. Disponível em: <<http://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2014/09/30/vendedores-de-iates-de-luxo-oferecem-desconto-para-retomar-vendas-pos-crise.htm>>. Acesso em: 14 jan. 2015.



POSSENTI, Sírio. **A linguagem politicamente correta e a análise do discurso.** Revista de Estudos da Linguagem, v. 4, n. 2. Belo Horizonte: UFMG, 1995. p. 123-140.

POSSENTI, S. **Uma representação humorística do feminino.** Estudos Linguísticos (São Paulo), v. XXXV, 2006. p. 01-08.

POSSENTI, S; BARONAS, R.L. **A linguagem politicamente incorreta no Brasil: uma língua de madeira?** Polifonia, v. 12, n. 2. Cuiabá, 2006. p. 47-72.

RACY, S. **‘Adoro fazer propaganda de produto que o consumidor possa devolver’**, Estadão. 22 set. 2014. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/sonia-racy/adoro-fazer-propaganda-de-produto-que-o-consumidor-possa-devolver/>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

RAJAGOPALAN, K. **Sobre o porquê de tanto ódio contra a linguagem politicamente correta.** In: Lopes da Silva, F.L. e Moura, H.M.M. (Orgs.) O Direito à Fala. A Questão do Preconceito Lingüístico. Florianópolis: Editora Insular, 2000. p. 93 - 102.

REIS, L. F. **Ressentidos, insolentes e cheios de questões para mudar o mundo**, O Globo. 11 set. 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/teatro/ressentidos-insolentes-cheios-de-questoes-para-mudar-mundo-13896332>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

RIBEIRO, R. J. **Aqui não tem PC.** Folha de São Paulo, São Paulo, 29 mar. 1992. Folha Ilustrada, p. 5-3. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/1992/03/29/21/>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

SÁ, X. **Dane-se o futebol**, Folha de S. Paulo. 27 set. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/xicosa/2014/09/1523386-dane-se-o-futebol.shtml>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

SEIXAS, L. **Teorias de jornalismo para gêneros jornalísticos.** *Galaxia*. (São Paulo, Online), v.13, nº. 25, p. 165-179, jun. 2013.

SIRKIS, A. **O 122 e seu labirinto...**, Estadão. 10 set. 2014. Disponível em: <<http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,o-122-e-seu-labirinto-imp-,1557674>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

SOARES, L. E. Politicamente correto: o processo civilizador segue seu curso. In: Margutti Pinto, et. alii (Orgs.). **Filosofia Analítica, Pragmatismo e Ciência.** Belo Horizonte: editora da UFMG, 1998. p. 217-238.

STROGENSKI, P. J. R. **Papel do sujeito nos estudos da linguagem.** *Revista de Letras*, Curitiba, v. 6, 2003.

TV E LAZER. **Miguel Falabella e atrizes defendem série ‘Sexo e as negas’, acusada de racismo**, EXTRA. 12 set. 2014. Disponível em: <<http://extra.globo.com/tv-e-lazer/miguel-falabella-atrizes-defendem-serie-sexo-as-negas-acusada-de-racismo-13917627.html>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

WEINMANN, A. O.; CULAU, F. V. **Notas sobre o politicamente correto.** *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 14, n. 2. Rio de Janeiro, 2014. p. 628-645. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/12663/9827>>. Acesso em: 11 dez. 2014.